



A HOMOFOBIA NA VISÃO DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO EM ESCOLAS ESTADUAIS DE AREIA-PB

Autor(a): Emanuelle Felizardo da Silva Barboza¹; Orientador(a): Profa. Dra. Anita Leocádia Pereira dos Santos².

Universidade Federal da Paraíba. WWW.ufpb.br

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação qualitativa a respeito da percepção de docentes do Ensino Fundamental e Médio de Escolas Estaduais em Areia-PB, a respeito da homofobia. A coleta foi realizada com um grupo de onze professores, com a utilização de um questionário semiestruturado, no período de julho de 2014. Foram estudados os conceitos de Homofobia, Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Violência Homofóbica. A análise dos dados revelou que os docentes colaboradores compreendem a homofobia como preconceito gerador de exclusão e violência, porém não se consideram aptos para tratar a temática em sala de aula. Além disso, os docentes afirmaram que a temática deve ser tratada como conteúdo obrigatório em disciplinas, uma vez que a falta de conhecimento sobre a homofobia é um dos fatores que leva ao preconceito e a violência homofóbica nas escolas, podendo contribuir para o mau desempenho escolar das vítimas. Com os resultados podemos concluir que o processo de formação docente continuada, se constitui como uma das principais maneiras de se investir no combate a homofobia no ambiente escolar. Uma vez que, somente através de uma boa formação, os professores se tornarão aptos no desenvolvimento do tema frente às situações de homofobia que venham a se manifestar no ambiente escolar.

Palavras-Chave: Homofobia, Formação Docente, Escolas.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsáveis por reduzir à figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “perverso”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se adequassem à heteronormatividade e pelos pressupostos a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal” (JUNQUEIRA, 2009. p. 14).

Diante da vontade e da necessidade de construir-se uma sociedade e uma escola mais justa, solidária, livre de preconceito e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as

Graduada do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CCA/UFPB

E-mail: emanuelle.fb@hotmail.com

² Professora do Departamento de Ciências Fundamentais e Sociais/CCA/UFPB

E-mail: anitaleopereira@yahoo.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dificuldades que se tem tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia.

É crescente entre os profissionais da educação o reconhecimento da necessidade da adoção de medidas que transformem a escola brasileira em uma instituição à altura dos desafios postos pelas transformações que a sociedade perpassa, em um ambiente seguro e efetivamente educativo para todas as pessoas que nele circulam, convivem e interagem, independentemente de gênero, orientação sexual, cor, raça, etnia, religião, origem, idade, condição física ou mental etc.

Segundo Silva (1996), a escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar.

A escola, como espaço primário de educação formal e para além do seu papel, que é da ordem do conhecimento, tem como desafio articular e executar as políticas públicas, discutir e repensar valores culturais e permitir a desconstrução de normas rigidamente estabelecidas. A fim de garantir que esses princípios sejam alcançados, é preciso expandir a abrangência de ações inclusivas, que possibilitem a expressão das diferenças de todas as ordens – étnicas, religiosas, de orientação afetivo-sexual, políticas, ideológicas, econômicas – e que levem o sujeito a compreendê-las como indispensáveis para sua existência plena, de direitos e de deveres, em sociedade. Deste modo, evidencia-se a importância e a necessidade de desenvolver estudos sobre a escola e as práticas docentes.

Neste trabalho, será analisada e discutida a percepção de um grupo de onze docentes de Escolas Estaduais, do Ensino Fundamental e Médio do município de Areia-PB, a respeito da situação da homofobia no ambiente escolar. Caracterizando-os quanto a sua participação em cursos de formação na área de Gênero e Sexualidade; investigando suas atitudes e práticas relacionadas à homofobia na escola; além de identificar as opiniões docentes quanto às possíveis razões e conseqüências da violência homofóbica nas instituições de ensino.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e foi realizada com um grupo de onze professores, sendo quatro das séries iniciais do Ensino Fundamental e sete das séries finais do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ensino Fundamental e também do Ensino Médio, das disciplinas de História, Ciências, Biologia, Geografia, Artes e Português, escolhidos aleatoriamente, de duas Escolas Estaduais, todas localizadas no município de Areia-PB. São dez docentes do sexo feminino e um do sexo masculino. A faixa etária dos participantes varia entre vinte e um a sessenta e um anos e, do mesmo modo, os anos de atuação docente também variam entre três a vinte e oito anos. Nem todos os docentes são licenciados em suas áreas de atuação atual e duas delas não possuem graduação, apenas o magistério de nível médio.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por uma abordagem de investigação utilizando como fonte de dados à aplicação de um questionário semiestruturado contendo quinze questões, tanto objetivas, quanto questões abertas, a fim de identificar o conhecimento dos docentes sobre a homofobia; de verificar se a temática é trabalhada nas salas de aula e no âmbito escolar, uma vez que, não há uma indicação de como tratar o conteúdo específico em determinada disciplina; de conhecer o modo como os professores agem diante de uma situação em que se observou um comportamento homofóbico, seja por parte dos discentes ou dos demais integrantes do corpo docente, gestores e funcionários; além da importância do aprofundamento da temática nos cursos de Licenciatura e de formação continuada.

Para a distribuição dos quinze questionários e coleta dos dados, todos os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e a devolução do mesmo seria opcional. Dois questionários foram enviados por e-mail aos participantes quando houve dificuldade de encontro pessoal, para os demais a entrega ocorreu pessoalmente.

Após a entrega dos questionários, foi estipulado um prazo de dois dias para que o(a) professor(a) pudesse responder. Passado esse prazo, em uma nova visita à escola, os questionários foram devolvidos para a posterior análise dos dados. A coleta de dados, a análise, bem como a síntese dos resultados se deu no mês de julho de 2014.

Na análise do material coletado com as professoras e professores, procurou-se identificar elementos comuns e aqueles que se destacaram isoladamente. Para a análise dos resultados e discussões, as respostas foram categorizadas a partir dos objetivos específicos, formando assim quatro subseções de discussão: a compreensão docente sobre a homofobia; os docentes e a formação em gênero e sexualidade; atitudes e práticas docentes diante da homofobia e as possíveis razões e consequências da homofobia na escola.

Para a diferenciação das falas das colaboradoras/colaboradores da pesquisa, foi utilizado o seguinte código: P.M-10 (Professor do sexo masculino com dez anos de docência) e P.F-9 (Professor do sexo feminino com nove anos de docência), por exemplo. Para os docentes que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

apresentam iguais anos de docência, a diferenciação é dada do seguinte modo: P.F-28/A (Professor A do sexo feminino com 28 anos de docência) e P.F-28/B (Professor B do sexo feminino com 28 anos de docência).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A COMPREENSÃO DOCENTE SOBRE A HOMOFOBIA

Nesta seção foi analisado o conceito de homofobia apresentado pelos participantes da pesquisa. Desse modo, é possível identificar se os docentes possuem conhecimento sobre a temática.

As respostas dos docentes para a questão foram:

“Homofobia é o preconceito contra homossexuais.” (P.F-26).

“Homofobia é o ato de preconceito contra pessoas consideradas homossexuais.” (P.F-10).

“Preconceito de algumas pessoas contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.” (P.F-3).

“Homofobia é o preconceito que algumas pessoas apresentam por homossexuais.” (P.F-9).

“Homofobia é a rejeição que as pessoas tem com os homossexuais, gays, lésbicas, transexual e bissexual.” (P.F-28/B).

“É um ato preconceituoso em relação a opção sexual de uma pessoa.” (P.F-28/A).

“Homofobia é o preconceito para com as pessoas que optam por ter relações afetivas com indivíduos do mesmo sexo.” (P.F-2).

“É a falta de respeito com o diferente (homossexuais, cultura, raças, poder aquisitivo).” (P.M-10).

“No meu entender, é a rejeição à pessoas que se relacionam (sexualmente) com pessoas do mesmo sexo.” (P.F-19).

“A homofobia acontece quando não respeitamos a opção sexual do outro e o submetemos a uma situação de constrangimento.” (P.F-3/A).

“Homofobia é o ato de excluir, tratar de forma diferenciada e preconceituosa pessoas homossexuais.” (P.F-22).

Percebe-se que os docentes compreendem e encaram a temática com uma visão de que a homofobia é um preconceito acompanhado de aversão, rejeição, desprezo por pessoas homossexuais, submetendo-as a uma situação de exclusão e sofrimento. Esta compreensão encontra-se em Borillo (2001), ao afirmar que a homofobia agrega em sua expressão sentimentos de repulsa ou hostilidade às pessoas que possuem um desejo por outras do mesmo sexo (ou, ao menos, apresentam essa possibilidade). Essa repulsa é levada a cabo quando esse ser é posto na posição de um outro, tido nesse caso como inferior ou anormal.

Os participantes foram questionados sobre quais atitudes podem ser consideradas de preconceito homofóbico no ambiente escolar e obteve-se as seguintes respostas:

“A exclusão por parte dos colegas a jovens com características opostas ao seu sexo.” (P.F-26).

“Apelidar “bicha”, “sapatão”, “mulher-homem”. Exclusão seja em atividades grupais ou em brincadeiras durante o intervalo.” (P.F-10).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- “Brincadeiras chatas usando palavras que sejam interpretadas diferente.” (P.F-3/B).
- “Algumas atitudes que se tornam repetitivas, sem motivo e com alto teor de agressividade, como apelidos, insultos e gozações do comportamento do colega.” (P.F-9).
- “Apelidos, exclusão de grupo, rejeição...” (P.F-28/B)
- “A troca de carícias entre duas pessoas do mesmo sexo.” (P.F-28/A)
- “Isolamento dos colegas em relação à pessoa e bullying.” (P.F-2)
- “O desprezo as características individuais dos indivíduos.”(P.M-10).
- “Apelidos, através de gestos, rejeitar em ocasiões de formação de grupos.” (P.F-19).
- “A homofobia está muito presente nos discursos dos discentes. Eles repetem, cotidianamente, frases de caráter homofóbico sem ter consciência que podem está agredindo o outro, porque não há uma reflexão sobre o que é dito. Os discursos mais agressivos, os quais expressam ojeriza pela homoafetividade ou por algum homoafetivo em particular, são observados, na maioria dos casos, nos grupos e disfarçados de fofoca ou tom confessional. (P.F-3/A).”
- “Piadas de mau gosto e brincadeiras que machucam. (P.F-22).”

Verifica-se que, de acordo com os/as docentes, as manifestações da homofobia ocorrem no ambiente escolar. A homofobia produz efeitos bastante negativos nas pessoas que são submetidas a tais situações de exclusão e agressões verbais. Esse desprezo, transmitido pelos colegas principalmente faz com que aqueles que sofrem se isolem cada vez mais das atividades escolares, podendo levá-los até a desistência.

É difícil negar que a homofobia na escola exerce um efeito de privação de direitos sobre cada um dos jovens que passam por situações de discriminação e preconceito. Por exemplo: afeta-lhes o bem-estar subjetivo; incide no padrão das relações sociais entre estudantes e destes com profissionais da educação (HUMAN WATCH, 2001); interfere nas expectativas, quanto ao sucesso e ao rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; estimula a simulação para ocultar a diferença (MARTIN, 1982; CAETANO, 2005); gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série, abandono e evasão; prejudica a inserção no mercado de trabalho; enseja uma visibilidade distorcida; vulnerabiliza física e psicologicamente; tumultua o processo de configuração e expressão identitária; afeta a construção da auto-estima; influencia a vida socioafetiva; dificulta a integração das famílias homoparentais e de pais e mães transgêneros na comunidade escolar e estigmatiza seus filhos/as.

3.2 OS DOCENTES E A FORMAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADE

Quando questionados sobre a sua participação em cursos de formação continuada que envolvessem questões de Gênero e Sexualidade, sete docentes afirmaram não ter participado de nenhuma formação que envolvesse a temática; enquanto quatro afirmaram sua participação nessas formações. Todos os docentes consideraram importante trabalhar esta temática em formações continuadas, como pode ser visto pelas afirmações apresentadas pelas/os docentes no tocante a esta questão.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“Sim, porque é importante que o educador tenha certo domínio teórico para que possa definir como trabalhar e tratar as questões referentes a gênero em sala de aula. (P.F-3/A).”

“Com certeza.” (P.F-9).

“Acredito que seja de fundamental importância; o qual não deveria apenas ser abordado em formações, mas fazer parte de grade curricular, bem como na educação básica, uma vez que quando nos vemos em situações nunca antes vivenciadas, devemos ter pelo menos noção de como trabalhar da melhor forma, sendo preciso antes se avaliar, para não estar entranhado certos preconceitos. (P.F-10).”

“Sim, porque quando acontecer no âmbito escolar o professor estará preparado para defender o tal assunto. (P.F-3/B)”

“Considero. Pois através de um bom esclarecimento para o professor, ficaria mais fácil tratar e educar para tais situações. (P.F-26)”

“Sim. Porque o professor é um educador e precisa estar preparado para enfrentar essas situações dentro de sala de aula.” (P.F-28/A)

“Sim. Para que eu possa tomar a atitude certa quando tal ocasião aconteça e principalmente para que ninguém saia prejudicado. (P.F-2)”

“Sim, porque hoje os conceitos mudaram; tais como: família, homem/mulher, felicidades e tais... (P.F-19)”

“Sim. Porque prepara o docente para tratar tal problema em sala de aula. (P.M-10).”

“Com certeza, visto que hoje a relação homo-afetiva está no auge e é inadmissível que as pessoas sejam tratadas de forma agressiva por serem homossexuais. (P.F-22).”

“Sim. Seria importante que esta temática seja tratada em formações continuadas para professores desde o ensino básico, para desde cedo o aluno saiba respeitar os amigos com transtorno de conduta.” (P.F-28/B)

Em uma de suas falas, uma das participantes destaca a importância de sua participação em um curso de formação continuada em Gênero e Diversidade Sexual, uma vez que este a ajudou muito, mudando sua visão sobre a sexualidade.

Além da importância dada às formações continuadas que envolvam a temática, todos afirmaram ter interesse em participar das mesmas:

“Sim, porque é importante que as questões referentes ao preconceito homofóbico sejam discutidas e combatidas no âmbito escolar, mas para que isto aconteça é necessário oferecer as ferramentas corretas para o educador.”(P.F-3/A).

“Sim, para me ajudar a trabalhar com meus alunos e a lidar com os problemas relacionados ao tema.” (P.F-9).

“Já participei, mas gostaria de continuar nesse debate tão interessante, e de fundamental importância. Como vamos orientar se não sabemos?” (P.F-10).

“Sim. Ampliar o conhecimento.” (P.F-3/B).

“Sim. Teria interesse em participar para melhor esclarecimento do assunto.” (P.F-26).

“Sim. Para aprender como agir diante de tal situação.” (P.F-2)

“Já participei e participaria de novo. Porque sempre existem fatos novos (teorias, ações...)” (P.F-19).

“Sim, para poder tratar tal problema em sala de aula.”(P.M-10).

“Sim. Queria trocar ideias, textos, dinâmicas.” (P.F-28/B)

“Sim. Porque precisamos estar atualizados e preparados para agir com conhecimento de causa.” (P.F-22).

“Sim. Porque irei adquirir mais conhecimento sobre este assunto”. (P.F-28/A)

Desse modo, engendrar valores na formação de professores seria como dar o pontapé inicial para a promoção de uma educação sobre sexualidade, voltada para a afetividade e o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

respeito, além de possibilitar a tomada de consciência e o conhecimento do outro, para reconhecê-lo como outro, sujeito de sua própria identidade.

A formação inicial de docentes e também a formação continuada, devem se pautar em práticas pedagógicas que levem os professores e professoras a repensarem suas ações frente à cultura homofóbica, devendo-se assim, promover uma educação pautada em um programa que vise à formação de profissionais capacitados para a elevação de uma educação afetivo-sexual, que seja capaz de preservar os direitos de cidadania.

Se a escola ou o professor(a) não aborda o tema, ou quando o faz parte do pressuposto da heterossexualidade enquanto norma, relegando as expressões sexuais não-heterossexuais, a condição de “desvio à norma”, desqualificando-as, estigmatizando-as, não será na escola que o aluno homossexual encontrará uma referência para compartilhar as suas dúvidas e incertezas sobre sexualidade. Diante disso, confirma-se ainda mais a necessidade de se tratar a temática nos cursos de licenciatura e nas formações continuadas.

3.3 ATITUDES E PRÁTICAS DOCENTES DIANTE DA HOMOFOBIA

Quando questionados sobre a forma correta de agir diante de uma situação em que se evidencie a homofobia na escola, a maioria dos professores adota um discurso de conscientização, de que todos somos iguais em oportunidades e direitos e destacam a importância da temática ser trabalhada em sala de aula com os alunos.

“Acho que a primeira atitude é tentar mostrar que devemos respeitar as diferenças, ou seja, devemos mostrar que a heterogeneidade está presente em todas as esferas da sociedade e que o outro é apenas diferente, mas não é melhor, nem pior do que o eu. Além disso, é importante destacar que há uma lei que defende o respeito as diferenças, ou seja, o comportamento preconceituoso pode ser considerado como uma infração desta lei.” (P.F-3/A).

“Acho que um professor, uma pessoa formadora de opinião, deve interferir diante de uma situação de preconceito homofóbico, mostrando que cada um tem sua forma de desenvolver sua sexualidade, da maneira que se sente melhor, realizado. Que todos devem ser aceitos dentro da sociedade como são, e não dentro de um padrão dito “normal”. Que devemos respeitar as pessoas dentro da diversidade sexual que existe.” (P.F-22).

“Conscientização em primeiro lugar, feita através de debates, de conversas na sala de aula e criar espaços de comunicação entre todos que fazem parte da comunidade escolar.” (P.F-9).

Inicialmente romper seu próprio preconceito; procurar se inteirar do assunto; procurar trabalhar com os alunos a questão de gênero referente à opção sexual, partindo da desconstrução/construção familiar. Palestras, dinâmicas, mensagens que levem ao processo reflexivo da diversidade sexual, rompendo algumas crenças como pecado... O respeito pela opção de cada um. (P.F-10).

“Deve repreender o aluno e amenizar a situação.” (P.F-3/B).

“Elaborar uma aula sobre homossexualidade e homofobia.” (P.F-26).

“Deve-se chamar os indivíduos e conversar que uma pessoa não deve ser julgada ou discriminada pela sua opção sexual.” (P.F-2)

“O professor abordar este assunto em sala de aula através do diálogo, de textos, de filmes, para mostrar que isto não é correto.” (P.F-28/A)

“Através de conversas, mostrar que todos somos iguais e assim fazer um trabalho contínuo de conscientização.” (P.F-19).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“Primeira coisa, peço para cada um “olhar-se no espelho”. Ninguém é igual a ninguém. Somos diferentes. E cada um tem muitos valores.” (P.F-28/B)

“Orientar, prevenir sobre qualquer tipo de homofobia ocorrente ou que possa ocorrer.”(P.M-10).

Ao se propor uma educação pautada na afetividade sexual, a escola deve valorizar e respeitar a opção sexual de seus alunos, combatendo a discriminação, por meio de debates e valorizando a descoberta de resultados positivos na educação, que permita a todos a “oportunidade de se libertar de ideias e sentimentos nocivos em relação à sexualidade” (GANDRA *et all*, 2002). É importante ressaltar que, ao se tratar de sexualidade, estamos lidando com pessoas e, portanto, com sentimentos, que devem e precisam ser respeitados.

O reconhecimento da diversidade como constituinte de nossa sociedade vai além do respeito e consideração ao tido como “diferente”. Segundo Junqueira (2007), a diversidade nos caracteriza como sociedade e indivíduos. Sendo assim, deveríamos nos lançar em formas de reconhecê-la, convergindo para o enriquecimento e desestabilização das relações de poder.

Uma das participantes em sua fala menciona a legislação. Em nosso estado uma das leis que tratam da temática é a Lei Estadual nº 7.309 de 10 de janeiro de 2003, que em seu Artigo 1º diz que é proibida qualquer forma de discriminação ao cidadão com base a sua orientação sexual.

Percebe-se que a homofobia é tratada pelos docentes como um assunto de ideias, em que, o professor sente-se no dever de conscientizar os alunos sobre o respeito à diferença e até apresenta alternativas práticas. Contudo, outras afirmações indicam que a atuação docente na prática não se concretiza, pois a maioria dos docentes questionados não se considera apto para trabalhar a homofobia em sala de aula. Três docentes apresentaram dúvida quanto à temática; quatro se disseram aptos para trabalhar a homofobia e quatro se disseram não aptos para tratar uma situação de homofobia na sala de aula:

“Não. Eu sempre faço de um discurso de conscientização, tento mostrar que devemos respeitar as diferenças, que isto é previsto por lei e peço para que o “agressor” faça um pedido de desculpas, mas não sei se está é a atitude mais correta.” (P.F-3/A).

“Não. Porque eu não tive nenhuma formação escolar sobre homofobia.” (P.F-3/B).

“Não. Precisamos sempre de esclarecimentos e de ajuda para sabermos como agir diante de tal situação.” (P.F-9).

“Não. Mesmo que se converse com os indivíduos envolvidos, quem sofreu o preconceito sempre vai ficar indignado.” (P.F-2)

“Talvez sim, talvez não. Isso irá depender da situação e das pessoas envolvidas.” (P.F-19).

“Acho que sim. Além de já ter identificado tal situação e trabalhado-a em sala de aula, já participei de um curso de formação sobre o referido tema.” (P.F-10).

“Acho que sou, pois fiz um curso promovido pela UFPB, sobre gênero e diversidade sexual na escola que me ajudou muito neste sentido. Este curso foi muito importante para mim, mudou minha visão sobre sexualidade.” (P.F-22)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“Sim. Através do diálogo ou conscientização dos danos causados pela homofobia.”(P.M-10).

“Sim. Mostrando que cada um é importante e merece respeito.” (P.F-28/A)

“Sim. Me acho apta, pois numa situação dessa, é mostrar que homofobia é crime.” (P.F-26).

“As vezes tento mostrar que temos que respeitar cada ser, pois somos diferentes. Os dedos das mãos não são iguais” (P.F-28/B)

Podemos perceber, em algumas falas, a insegurança dos docentes sobre como atuar diante da homofobia no ambiente escolar, levando então ao silenciamento ou a prática de atitudes que os próprios docentes não sabem se estão corretas ou não. É importante reafirmar a importância da formação docente para o enfrentamento pedagógico de situações de homofobia, como forma de construção e reconstrução de valores, e também de orientação sobre as práticas educativas.

Essa insegurança torna-se evidente pelo fato de a maioria dos docentes não trabalharem a temática como conteúdo programático durante as aulas. Duas participantes afirmaram que tratam sobre a homofobia em suas aulas e nove participantes afirmaram que não tratam sobre a homofobia.

Ligado a esse tópico da pesquisa, os docentes participantes foram questionados se consideravam importante a abordagem da temática como conteúdo obrigatório em alguma disciplina. Nove participantes responderam que sim, deveria fazer parte dos conteúdos em sala e duas participantes responderam que não deveria:

“Creio que sim, visto que o currículo deve ser preparado de acordo com a realidade do educando e hoje é normal tratar desses assuntos. Quem sabe com conhecimento acabe ou diminua a homofobia?” (P.F-22).

“Não obrigatório porque seria um tipo de discriminação para alunos que não tivessem conhecimento sobre o assunto.” (P.F-26).

“Sim. Porque amenizava as diversidades entre os alunos.” (P.F-3/B).

“Deveria fazer parte do conteúdo obrigatório de forma interdisciplinar, pois a temática pode e deve ser trabalhada em qualquer disciplina. No entanto, ser obrigatório não é sinal que será cumprida, pois educação ambiental e cultura Afro são e só são trabalhadas dependendo do professor.” (P.F-10).

“É importante em português, ver textos e produção textual. Ciências e religião.” (P.F-28/B)

“Sim. Em biologia e ciências.” (P.F-9).

“Sim. Geografia, português, artes, história, etc.”(P.M-10).

“Sim, em ciências biologia, sociologia, para que as pessoas já fossem estimuladas a entender e aceitar o próximo e não aponta-lo diante da sociedade pela sua opção sexual.” (P.F-2)

“Sim. Na área de humanas, porque iria contribuir na formação dos nossos jovens e discutir a questão abordada na pesquisa.”(P.F-28/A)

“Sim. Acho que a temática poderia ser trabalhada nas disciplinas de Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia, Religião e História.” (P.F-3/A).

“Não deveria.” (P.F-19).

Percebe-se que os docentes entendem sobre a necessidade de um trabalho com os alunos sobre a temática, porém ainda não sentem-se no dever de tratá-lo. E, mesmo sendo abordado



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como conteúdo obrigatório, talvez não fosse levado para a sala de aula, pois como cita uma das participantes, outros conteúdos são obrigatórios, mas não são discutidos e trabalhados em sala. Outro fato observado é que a temática não se enquadraria como conteúdo programático na área das exatas, uma vez que as disciplinas dessa área não foram citadas.

Duas participantes afirmaram que a temática não deveria ser trabalhada como conteúdo obrigatório, evidenciando assim a resistência de alguns docentes em tratar da homofobia. Desse modo, permaneceria o silenciamento a respeito da homofobia no diálogo da sala de aula.

3.4 POSSÍVEIS RAZÕES E CONSEQUÊNCIAS DA HOMOFOBIA NA ESCOLA

Para essa discussão foi analisada a seguinte questão: Qual(ais) a(s) causa(s) e consequência(s) da violência homofóbica no ambiente escolar?

De acordo com esse questionamento, as respostas dos docentes foram:

“A causa principal é o preconceito que atinge todos os ambientes e a consequência é a indignação e a revolta de quem sofre o preconceito.”(P.F-2)

“Muitas vezes, essas pessoas que sofrem com a violência homofóbica, acabam tendo sua vida escolar prejudicada para sempre, devido à exposição e o sofrimento causado à eles.”(P.F-9).

“Quando a criança não aceita o jeito, a maneira de falar do outro, aí começam as brigas, confusão... Chegando até a desistência.”(P.F-28/B)

“Preconceito que está de certa forma enraizado na sociedade “machista”/patriarcal; A sociedade não está preparada para praticar o que prega; Falta de amor, respeito para com o outro; Formação familiar.”(P.F-10).

“Causas: os “novos conceitos” (família, homem/mulher, felicidade...) que não são esclarecidos na sociedade. Consequências: mais violência, suicídios, famílias desajustadas, jovens sem destino...”(P.F-19).

“Causa: desrespeito com o próximo; Consequência: inibição, preconceito, violência, etc.” (P.M-10).

“A falta de respeito e a conscientização de que ninguém é igual. Esse assunto deve ser tratado em sala de aula com muita seriedade.”(P.F-28/A)

“Falta de conhecimento aliado a ignorância de alguns, pois formam filhos violentos e sem nada de esclarecimento sobre o assunto.”(P.F-26).

“Insultos, piadas, brigas, etc.”(P.F-3/B).

A principal consequência da violência homofóbica no âmbito escolar são os traumas provocados nas pessoas que sofrem esse tipo de preconceito, pois a reprodução de comportamentos e discursos preconceituosos podem provocar sérias doenças psicológicas, as quais interferirão no desenvolvimento indivíduo. (P.F-3/A)

“Falta de conhecimento, cultura machista.”(P.F-22).

Nessa questão vemos no entendimento dos professores pesquisados, que a falta de conhecimento ligado a falta de respeito com os demais, provocam o preconceito, e que este preconceito trará diversos danos para o ambiente escolar e para os indivíduos que sofrem com ele. Percebe-se que a violência na escola também é gerada pela homofobia e que isto contribuirá para que os jovens submetidos a esse tipo de violência tenham seu desenvolvimento escolar afetado.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Segundo Junqueira (2009), a homofobia na escola tem sido uma constante na vida de alunos homoafetivos, através de ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas da pedagogia do insulto, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificantes.

No que diz respeito às consequências da homofobia na escola, as/os docentes apontam que o preconceito contribui para a marginalização e exclusão, bem como para produção de traumas e sofrimentos psicológicos em sujeitos que, de alguma forma, fogem às normas sexuais impostas pela sociedade.

Peres (2009) afirma, inclusive, que a homofobia na escola é um dos motivos que levam jovens travestis a se prostituírem, já que a eles é negado o direito à educação, seja através da expulsão direta da escola por motivos homofóbicos ou da discriminação tão violenta que os leva a desistirem das atividades escolares.

Diante disso, é necessário que haja um trabalho efetivo com os docentes para que estes possam atuar de forma correta e impedir que situações em que se observe o preconceito homofóbico tornem-se uma constante entre os alunos.

4 CONCLUSÕES

Conclui-se que os professores colaboradores, que lecionam nas Escolas Estaduais de Areia-PB, onde foi realizada a pesquisa, evidenciaram a importância do tratamento da temática em sua formação docente, tanto na graduação, quanto nas formações continuadas. Percebe-se também que os docentes entendem que a homofobia deve ser trabalhada em sala de aula, para que haja, um trabalho mais efetivo com os alunos sobre o tema, embora a maioria dos docentes pesquisados afirmou que não se encontrava apto para desenvolver o tema na sala de aula.

Verificou-se também, o interesse dos docentes em participarem de cursos que promovessem o desenvolvimento de práticas pedagógicas em relação à homofobia, para que possam tratar do tema com coerência em suas aulas. Assim como, a importância das questões ligadas à temática estarem presentes no conteúdo obrigatório em determinadas disciplinas ou de forma interdisciplinar, uma vez que, um dos fatores que levaria ao preconceito e a violência homofóbica nas escolas seria a falta de conhecimento sobre a homofobia.

Diante disso, o presente trabalho identificou a percepção sobre a forma em que os docentes compreendem e tem tratado a homofobia no ambiente escolar, identificando as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

opiniões dos participantes quanto às causas e consequências da homofobia nas escolas, sem dificuldades conceituais. Contudo, conclui-se também que ainda há muito a ser realizado para que, de fato, práticas e atitudes docentes orientadas diante da temática, ocorram na sala de aula e no ambiente escolar em geral, as/os estudantes vítimas da violência homofóbica na escola também sofrem prejuízos nos seus desempenhos acadêmicos, comprometendo também os seus direitos ao saber escolarizado, e isto pode se tornar um estigma social às pessoas homoafetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001.

CAETANO, Márcio. **Gestos do silêncio**: para esconder a diferença. [Mestrado em Educação]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

GANDRA, F. R. PIRES, C. V. G.; LIMA, R. C. V. **O dia-a-dia do professor: adolescência, afetividade, sexualidade e drogas**. Vol. 1, Belo horizonte: Fapi, 2002.

HUMAN WATCH. Hatred in the hallways: violence and discrimination against lesbian, gay, bisexual, and transgender students in the U.S. schools. New York, 2001.

JUNQUEIRA, R. D. O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problematização da Homofobia no Contexto Escolar. In: RIBEIRO, P. R. C., SILVA, M. R. S., SOUZA, N. G. S., GOELLNER, S. V., SOUZA, J. F. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: _____. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia na escola, Brasília: Ministério da Educação, 2009.

MARTIN, A. D. Learning to hide: the socialization of the gay adolescent. *Adolescent Psychiatry*, Chicago, v. 10, 1982.

PERES, Wiliam Siqueira. “Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira.” In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO & JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.) **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas Brasília: UNESCO, 2009).

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.